

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Celso Class.: 297

Data: 12 de Março de 1985 Pg.: _____

Índios, em documento, pedem diálogo ao Presidente

BRASÍLIA — Entre os vários documentos que lhe chegam diariamente, o Presidente José Sarney encontrará esta semana um relato da vida dos povos indígenas do Acre e do Sul do Amazonas, várias reivindicações e um alerta: "O preço que já pagamos (os índios), não nos pode mais ser cobrado por um Estado que se diga democrático".

O documento, que está assinado com letras, rémulas e também com a impressão digital do polegar das lideranças indígenas, pede ao Presidente da República um diálogo permanente entre o Governo, as entidades indígenas e as comunidades Apurinã, Iauanaua, Kaxinawa, Katuqui-

na, Nuqini, Poianaua, Arara, Kampa, Kulina, Kaxarari, Jamamadi, Jaminaua e Machineri.

Eles pedem que o Governo reconheça oficialmente a União das Nações Indígenas (UNI) como autêntica representante dos povos indígenas. E acrescentam: "Somente ela será capaz de absorver democraticamente as nossas divergências e buscar um consenso do nosso movimento".

Além disso, pedem que a Funai seja desmembrada do Ministério do Interior e transformada numa Secretaria Especial, ligada diretamente à Presidência da Re-

pública. "Queremos que a Funai se transforme em um órgão indigenista sério, competente, representativo e democrático", acrescentam.

Os índios contam ao Presidente Sarney que seus pais se transformaram "em verdadeiros escravos" dos seringalistas que invadiram suas terras, onde estão também instaladas empresas agropecuárias. Afirmam que apenas cinco por cento de suas terras estão demarcadas e somente algumas delimitadas. Dizem ainda que muitos têm morrido de sarampo, tuberculose, coqueluche e malária, porque não recebem assistência médica, nem de en-

fermeiros. Por isso, pedem que a Funai organize cursos de agentes de saúde para os próprios índios.

Revelam que, atualmente, não trabalham apenas nos roçados, na caça e na pesca, pois estão produzindo borracha, caucho e castanha, mas são explorados por seringalistas, "marreteiros" e comerciantes. Por isso reivindicam a elaboração de projetos econômicos, a partir de discussões com as próprias comunidades. Afirmam que contribuem para o desenvolvimento da região e, por essa razão, querem que a Sudhevea financie as safras anuais de borracha.